

## O CAMINHO DAS VOZES: A ESCRITA DE MTUTUZELI MATSHOBA

Elisa Cristina de Proença Rodrigues Gallo\*

### RESUMO:

*Esse estudo abrange as obras publicadas de Mtutuzeli Matshoba, escritor negro sul-africano, focalizando seu hibridismo cultural e o caráter monológico do seu texto. Através de um estudo comparativo, apresenta uma leitura sócio-política de sua obra visando um melhor entendimento das conquistas políticas e literárias do negro sul-africano sob a ditadura do apartheid.*

**PALAVRAS-CHAVE:** *realidade histórica; identidade cultural; dialogismo e monologismo; intertextualidade.*

Mtutuzeli Matshoba: 51 anos (21 de maio de 1950), ativista político e escritor de protesto do final dos anos 70, ferrenho opositor ao regime segregacionista de seu país – a África do Sul – ora vítima, ora testemunha ocular dos desmandos do *apartheid*. Mtutuzeli Matshoba, parte da elite cultural negra do CNA, o atual partido político do governo sul-africano e assessor cultural do presidente Nelson Mandela. Mtutuzeli Matshoba, contista e dramaturgo, que se apresenta como porta-voz do colonizado oprimido, mas que usa em sua escrita o inglês, a língua do colonizador. Mtutuzeli Matshoba, epítome do autor negro sul-africano pós-Soweto, essencialmente o escritor de protesto cuja voz preponderantemente refrata a dos literatos negros contemporâneos de seu país, mas que, vez por outra, se contrapõe a ela; Mtutuzeli Matshoba, intelectual híbrido e escritor bivocal, no entanto essencialmente monológico.

Matshoba e outros autores; Matshoba e ele mesmo em épocas cronológicas distintas: passado e presente, incursões em diferentes gêneros literários, posturas e *status* sociais diversos.

\* Doutora em Literatura Comparada, 1999.

Questiona-se: Por que Matshoba parou de escrever se a dicotomia e o hibridismo cultural ainda se acham presentes na África do Sul? Em Matshoba, o literário está totalmente condicionado ao social e à ruptura do escritor com a literatura se dá com o cessar de um momento social específico, que, de alguma forma, pára de incomodá-lo como outrora já o havia feito. Conclui-se, desta forma, pelo caráter panfletário do texto de Matshoba, uma vez que um escritor híbrido não abandonaria sua escrita simplesmente por haver se alterado uma situação sócio-política determinante.

Existe uma total simbiose entre a literatura e a política sul-africanas, seja lá qual for o momento político do país, reforçando o conceito marxista do elo entre o literário e o social. O tom crítico de rebeldia subjaz a essa literatura a partir da década de 60, tornando-a não apenas forma de protesto contra o *apartheid*, mas também um veículo de provocação e desafio. A partir dos anos 70, o conto se torna um gênero literário bastante popular e a opção de Matshoba. É uma forma concisa, mas de extremo impacto emocional, através do qual ele exprime sua revolta, em uma literatura de cunho panfletário e de temática essencialmente autobiográfica.

Em Matshoba, as raízes do passado se mesclam aos acontecimentos presentes e às projeções futuras e a escrita passa a ser um ato de ativismo político. Nela se destaca a resistência negra no país: sua continuidade histórica e seu papel de força conscientizadora na busca de mudanças sociais. Assim, o conteúdo passa a ser mais importante do que a forma, e tem como função principal retratar com fidelidade a vida do negro sob o domínio do *apartheid*.

Adepto da teoria de Muthobi Mutloatse (Mtuloase: 1980), Matshoba desempenha uma dupla função com sua escrita panfletária: pauta seu trabalho na experiência pessoal individual e coletiva, bem como desmistifica os falsos conceitos sobre negritude veiculados pela ideologia branca dominante. Desta forma, sua literatura passa a ter não apenas uma função política de mobilização e unificação da comunidade negra na luta pela liberdade, mas a servir também de suporte ideológico, no qual o autor exerce tanto o papel de consciência quanto o de porta-voz do seu povo.

Sua escrita é conceitualizada como uma ferramenta prática de luta do povo negro e, como em sua obra, a forma conversacional desempenha o duplo papel de

mola propulsora da ação e de *background* sócio-político. Dentro dessa estrutura, o tema recorrente da obra - o destino do colonizado negro e sua luta contra a opressão - e a unicidade de foco salientam-se como marcas características da estratégia narrativa. Esse foco único, ou seja, a figura do viajante-contador-de-histórias-vizinho-conselheiro, é analisado em suas múltiplas funções, destacando-se seu valor estratégico proveniente de sua relação com o conceito coletivo.

Na obra desse autor, muito mais presente que a criatividade ou a individualidade autoral está a ênfase na identidade como coletividade e movimento que busca dar à literatura um caráter mais popular. Tal caráter, entretanto, não visa apenas à coletividade negra como audiência; ao contrário, visa a uma audiência elitizada, razão primeira de sua opção pelo inglês ao invés do vernáculo. Sendo também um escritor do tipo panfletário, não faria sentido que ele apenas relatasse aos negros o sofrimento e as discriminações a que eram submetidos. Como ativista político, era mister que ele se tornasse uma ameaça às classes dominantes e, para que isso acontecesse, necessário seria estabelecer a comunicação, o que só ocorreria caso a língua utilizada fosse comum a ambos, no caso, a língua do dominador.

Ao elitizar a forma de comunicação, o público que o autor buscava atingir não seria certamente o do universo das personagens de sua escrita. Ao retratar, através da língua do colonizador, as injustiças e a opressão sofridas pelo colonizado, segmento no qual se inclui, Matshoba - epítome do intelectual pequeno-burguês negro - estaria usando um discurso ambivalente, ou, lançando mão da teoria bakhtiniana (Bakhtin: 1990), e estaria sendo dialógico.

Membro de uma elite, Matshoba seria sem dúvidas um intelectual híbrido, e uma personagem dual que se auto-define ora como o subalterno, protagonista ou testemunha de suas próprias histórias, ora como parte de uma elite intelectual e financeiramente muito superior às personagens da Soweto que descreve. Entretanto, a voz autoral que permeia suas histórias seria basicamente monológica, uma vez que, através de aceitação ou, no extremo oposto, através de revolta, o colonizador é sempre tido como superior.

Sabe-se que o inglês não é a língua nativa de qualquer autor negro sul-africano. Entretanto, Matshoba e os outros literatos negros de seu país adaptaram-

no às suas necessidades particulares e, de algum modo, fizeram dele uma nova língua africana, com símbolos e termos próprios. Lançando mão de sua universalidade tornaram-no o veículo de comunicação do protesto africano. Entretanto, a língua do colonizador restringe-se à comunicação escrita ou a situações mais formais de oralidade. A verbalização das personagens negras em situações carregadas de emotividade ou tensão é sempre feita no vernáculo.

Seu estilo é, pois, a mistura do formal literário e da oralidade informal, do contar e do mostrar, do vernáculo e do inglês. Cabe, no entanto, ressaltar que sua linguagem é bem compartimentalizada. O uso do *xhosa*, língua nativa, é quase sempre seguido da sua tradução em inglês, o que ratifica a afirmação de ser sua obra endereçada a um público específico: o que é capaz de ler inglês. Logo, em sua obra, a dicotomia serve para reforçar uma postura basicamente monológica.

Não restam dúvidas de que ele faz parte de uma elite, de uma minoria educada que estaria ajudando a forjar o idioma literário de uma classe mais pequeno-burguesa que proletária e que se via identificada com o povo, criticando pois as aspirações individuais da pequena-burguesia corporificada nas classes profissionais mais elitizadas.

Funcionaria, assim, como um híbrido entre o colonizado e o colonizador, enfatizando em sua escrita, de forma peculiar e autobiográfica, a cultura e as tradições africanas, utilizando-se do vernáculo nas falas de suas personagens, mas optando pelo inglês como sua língua literária.

Praticamente todos os contos de *Call me not a man* (1979) refletem o impacto político-social que a revolução de Soweto de 1976 teve na vida sul-africana em geral. Como oprimido e ativista político, Matshoba usa a literatura de forma catártica e panfletária. Seus narradores trazem em si a postura crítica da comunidade negra, usando em suas falas opiniões consensuais para comunicar sua visão pessoal dos fatos. A voz autoral está sempre presente, indiretamente através das personagens, ou diretamente, através de digressões. O presente imediato, no entanto, torna o texto datado.

A polifonia bakhtiniana serve como suporte teórico à análise. Discute-se o jogo de vozes – refratárias ou antagônicas, em contextos monológicos ou dialógicos – na busca da identidade social através da construção literária. Observa-se que a pluralidade

na cultura sul-africana não é suficiente para a criação de um real dialogismo, uma vez que línguas, valores e crenças existem *per si*.

Matshoba mostra em seus textos uma perspectiva basicamente monológica do colonizado. Conformista, algumas vezes, insurgente, em outras, seus atos de rebeldia redundam sempre numa posição inercial em que a voz autoral, através da personagem, prevê o fracasso da tentativa de ruptura e de marcar a diferença. Afirma a identidade cultural local e, ao mencionar, nega, mas reafirma pela própria negativa a identidade do outro.

É preciso deixar claro que a bivocalidade é freqüente nos contos de Matshoba, mas, como alega Bakhtin, nem todo discurso bivocalizado é polifônico, pois, para que a polifonia aconteça, não pode haver uma voz autoral dominante, mas um confronto de vozes na arena discursiva. Em cada extrato discursivo, em cada voz, deverá existir um sujeito com acentos e pontos de vista próprios. Matshoba, seria então bivocal, mas normalmente não seria polifônico ao lançar mão de diversos recursos, como vozes alternativas para referendar, contrapor ou refratar outras vozes expressas: silêncios e ausências, verbos, advérbios ou substantivos plurívocos, símiles e metáforas. A oralidade é um traço relevante em seus escritos, refletindo-se no gênero literário escolhido, em recursos e técnicas narrativas utilizadas e em características de estilo.

Assim como grande parte da ficção negra, os contos de Matshoba recorrem de forma intensa às tradições do conto oral. Apresentam *flashbacks*, episódios seriados, uma postura conversacional direta, digressões e longas discussões entre as personagens. Os leitores são interpelados de forma informal e familiarmente chamados por 'irmão' ou 'irmã'; são repreendidos e aconselhados. A experiência pessoal está sempre refletida em sua narrativa.

Em sua obra, o intertexto, presente através do uso de epígrafes, nas referências a ecos de outros textos e na inscrição no texto da voz de outro, tem basicamente a função de ênfase. Através dele, novas vozes se unem em harmonia às já existentes, reverberando um mesmo tema social: a tirania e o abuso de poder do mandante, a opressão e a submissão do mais fraco.

Concluimos pois, destacando a dualidade da figura de Matshoba e de sua obra. Como pessoa, ele passa do subalterno oprimido, ora observador, ora protagonista dos desmandos e injustiças causados pelo regime segregacionista da África de sua infância e adolescência, a membro de uma elite intelectual atuante no governo Mandela. Ativista político e escritor panfletário da era Soweto, nos anos 70, Matshoba purga sua revolta através de uma escritura que cessa a partir do momento em que a situação de seu país não o afeta mais com a mesma intensidade.

A representação do presente imediato torna seu texto datado, assim como o leva a uma atitude diferente, calcada no *status* do momento. Híbrido entre a elite negra dominante e o subalterno, entre o protagonista e o observador, pode-se verificar que, ao plurilingüismo de sua escrita, contrapõe-se uma unicidade de voz, de ponto de vista.

É interessante lembrar que o inglês, língua por ele escolhida para transmitir literariamente suas idéias, é usado como elo de ligação entre o mundo do colonizador e o do colonizado. Matshoba não escreveu para o subalterno; escreveu sobre o subalterno para um público específico, a elite dominante, capaz de ler em inglês e dotada de condição financeira suficiente para comprar seus livros.

ABSTRACT:

*This study encompasses the published works of the black South African writer Mtutuzeli Matshoba, focusing on his intellectual hybridism and on his authorial monologism. Through a comparative method, it offers a socio-political reading of his work, aiming at a better understanding of black South Africans' political and literary achievements during the apartheid era.*

KEY WORDS: *historical reality, cultural identity, dialogism and monologism, intertextuality.*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

Bakhtin, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Trad. Michel Lahud e Yara Vieira. São Paulo: Hucitec, 1990.

\_\_\_\_\_. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1981.

\_\_\_\_\_. *Questões de literatura e de estética; a teoria do romance*. Trad. Aurora Bernardini et al. São Paulo: Editora Hucitec, 1990.

\_\_\_\_\_. *Speech genres and other late essays*. Austin: University of Texas Press, 1986.

Barnett, Ursula A. *A vision of order: a study of black South African literature in English (1914-1980)*. London: Sinclair Browne, 1983.

Matshoba, Mtutuzeli. *Call me not a man*. Johannesburg: Ravan Press, 1979. Resenhado em *UNISA English Studies*, Pretoria, v.24, n.1, May 1986.

\_\_\_\_\_. *Call me not a man and other stories*. Essex: Longman, 1987.

\_\_\_\_\_. *Seeds of war*. Johannesburg: Ravan Press Ltd., 1981.

\_\_\_\_\_. *Some points to ponder: thoughts on the disbanding of P.E.N. Staffrider*, Johannesburg, v.4, n.1, Apr./May 1981.

\_\_\_\_\_. *The betrayal*. *Staffrider*, Johannesburg, v.3, n.3, Sept./ Oct. 1980.

\_\_\_\_\_. *To kill a man's pride*. Norman Hodge (Ed.) *To kill a man's pride and other stories from the Southern Africa*. Johannesburg: Ravan Press, 1984.

Munnik, James, Davis, Geoffrey V. *Getting back to writing: an interview with Mtutuzeli Matshoba*. In: Davis, Geoffrey (Ed.) *Voyages and explorations: Southern African writing*. Amsterdam: Rodopi, 1994.

Mutloase, Mthobi (Ed.). *Forced landing: Africa South: contemporary writings*. Johannesburg: Ravan Press, 1980.

Nakasa, Nathaniel (Nat). *Writing in South Africa*. *The Classic*, v.1, n.1, p.57, 1963.

Ngugi, wa Thiong'o. *Decolonising the mind: the politics of language in African literature*. London: James Currey Heinemann, 1987.

Nkosi, Lewis. *Tasks and masks: themes and styles of African literature*. Harlow: Longman, 1981.

Roscoe, Adrian. *Uhuru's Fire: African literature east to south*. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.

Roux, Edward. *Time longer than rope: the black man's struggle for freedom in South Africa*. Wisconsin: The University of Wisconsin Press, 1964.

Trump, Martin (ed.). *Rendering things visible: essays on South Africa literary culture*. Johannesburg: Ravan Press, 1990. Cap. Part of the struggle: black writing and the South African liberation movement, p.161-185.

\_\_\_\_\_. *Literature against apartheid: South African short fiction in English and Afrikaans since 1948*. London: SOAS - University of London, 1995. (Tese de doutorado, inédita)

\_\_\_\_\_. Black South African short fiction in English since 1976. *Research in African literatures*, Witwatersrand, v.19, n.1, p.34-64, 1988.

Vaughan, Michael. Can the writer become the storyteller?: a critique of the stories of Mtutuzeli Matshoba. Oliphant, Vladislavic (Ed.). *Ten Years of Staffrider Magazine 1978-1988*. Johannesburg: Ravan Press, 1988.

\_\_\_\_\_. The stories of Mtutuzeli Matshoba *Staffrider*. Johannesburg, v.4, n.3, p. 45-47, Nov. 1981.

Williams, Jenny. A new act of mediation: the screenplays of Mtutuzeli Matshoba. *Current Writing*, [s.l.], v.4, n.1, 1992.

\_\_\_\_\_. Can OUR NIG help the native who caused all the trouble? *AUETSA Conference Papers*, Stellenbosch, v.2, p.1-14, 1990.

\_\_\_\_\_. *Decolonizing the mind: the challenge of Mtutuzeli Matshoba's texts*. Durban: University of Natal, Sept.1991. (Dissertação de mestrado, inédita).

\_\_\_\_\_. Decolonizing the mind; the challenge of 'black' writing to 'white' criticism. *SAVAL Conference Papers*, [s.l.], n.10, 1990.